

## Realismo e irracionalismo nas obras de Liev Tolstói: contradições estéticas, filosóficas e políticas

HENRIQUE WELLEN\*

**Resumo:** Liev Nikolayevich Tolstói ou, como ficou mais conhecido a partir de algumas traduções brasileiras, Leão Tolstói, foi, sem dúvidas, um dos maiores escritores da literatura mundial. Mas, além de detentor de um currículo literário impressionante, o autor de *Guerra e Paz* também se tornou bastante conhecido pelos seus polêmicos posicionamentos, com os quais tanto conquistou admiradores e seguidores, como também perseguidores e detratores. Dentro do complexo estético, se é verdade que Tolstói conseguiu figurar parte dos seus personagens com uma grande riqueza subjetiva, apresentando-os a partir das determinações sociais que os envolvem e os consubstanciam; também é fato que, em outros momentos (em quantidade literária bem inferior), relevam-se concepções e axiomas mistificadores e, até mesmo, preconceituosos. Na grande maioria dos seus livros, Tolstói funda sua figuração numa concepção que mistura, de um lado, preceitos de uma ontologia materialista e, de outro, elementos de pecha religiosa e mistificadora, tal qual a mistura de uma verdadeira e de uma falsa ontologia. E, quando na parte final da sua vida, em que o escritor esteve envolvido por um pensamento religioso resignado e, de certa forma, niilista, dentre os valores profetizados por Tolstói, um parece ter tido maior relevo: a misoginia. O objetivo desse artigo foi apresentar e analisar, de forma breve, algumas indicações acerca dessa relação nas obras do escritor russo. A partir de exemplos extraídos de figurações artísticas desse autor, pôde-se medir o grau de aproximação ou distanciamento com uma concepção de mundo humanista e histórica, que foi consubstanciada por variadas contradições estéticas, filosóficas e políticas.

**Palavras-chave:** arte; filosofia; política; Tolstói; gênero.

**Abstract:** Liev Nikolayevich Tolstoy, or, as he was better known from some Brazilian translations, Leo Tolstoy, was undoubtedly one of the greatest writers of world literature. But, beyond his impressive literary curriculum, the author of *War and Peace* also became well known for his controversial ideas, in which he won admirers and followers and, also, persecutors and detractors. Within the aesthetic complex, if it is true that Tolstoy was able to figure a part of his characters with a great subjective wealth, presenting them from the social determinations that involve them and consubstantiate them; it is also a fact that he, at other times, (in a much lower literary quantity), he had mystifying and prejudiced conceptions. In the great majority of his books, Tolstoy bases his figuration on a conception that mixes, on the one hand, precepts of a materialist ontology and, on the other, elements of religious and mystification, just like a mixture of true and false ontologies. And when, in the later part of his life, in which the writer was surrounded by a resigned and, in a certain way, nihilistic religious thought, among the values prophesied by Tolstoy, one seems to have been more prominent: misogyny. The aim of this article was to present and analyze, briefly, some indications about this relationship in the works of the Russian writer. From examples extracted from the artistic figurations of this author, it could measure the degree of approximation or distance with a conception of the humanist and historical world, which was embodied by various aesthetic, philosophical and political contradictions.

**Key words:** art; philosophy; politics; Tolstoy; gender.



\* HENRIQUE WELLEN é professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Lev Nikolayevich Tolstoy in the ploughland - [Ilya Repin](#) (1844-1930)

## 1. Introdução

Liev Nikolayevich Tolstói ou, como ficou mais conhecido a partir de algumas traduções brasileiras, Leão Tolstói, foi, sem dúvidas, um dos maiores escritores da literatura mundial. Mas, além de detentor de um currículo literário impressionante, o autor de *Guerra e Paz* também se tornou bastante conhecido pelos seus polêmicos posicionamentos ideológicos e políticos, com os quais tanto conquistou admiradores e seguidores, como também perseguidores e detratores. E tais pessoas não se restringiram ao espaço estético, visto que o escritor produziu influências nos mais diversos campos da vida social. Seja nos ambientes artístico, pedagógico, filosófico, político ou religioso, o grande esteta russo sempre apresentou argumentos e posições de impacto.

Não obstante, especificamente dentro

do complexo estético, se é fato que o grande escritor russo conseguiu alcançar uma figuração literária portadora de grande realismo e humanismo, também é incontestável a presença de elementos filosóficos e estéticos que se apresentam em um caminho oposto. O debate acerca da sua obra é longo e prolífico, abrangendo pensadores de diferentes estaturas e de distintas matrizes analíticas. Tais características também demarcam o relevo que integrantes da tradição marxista creditaram às obras e ao pensamento de Tolstói, conforme demonstram, por exemplos, as reminiscências de Maxim Górkí (1983) e alguns ensaios de Lênin (1983; 1983a; 1983b). E, ainda que os textos do líder bolchevique sejam limitados em seu tamanho, verifica-se que eles produziram uma considerável influência nessa tradição, como se observa, por exemplo, na presença de algumas dessas indicações em estudos daquele autor que se configurou como um dos

maiores estetas marxistas: György Lukács.

De forma mais recente, seja dentro ou fora do campo marxista, destacam-se novas nuances dessa crítica estética, polemizando o núcleo metodológico e filosófico da narrativa histórica *tolstoiana*. Se, por um lado, os ensaios de Anderson (2007) e Jameson (2007) objetivaram problematizar a relação metodológica entre história e filosofia de uma forma mais geral, os estudos de Kliger (2011) e o de Steiner (2009) se propuseram à análise de suas obras a partir de uma dupla mediação: tanto em relação às gerações anteriores de escritores russos, como acerca da herança da filosofia idealista alemã. E, mesmo que tais textos não tenham superado o mérito analítico, bastante conhecido e comprovado, da obra de Berlin (1988), com certeza, eles não apenas ressaltaram a imensa capacidade artística de Tolstói, como também salientaram a importância de pesquisas sobre a sua obra.

Os estudos em tela serviram para indicar a relevância da referência da filosofia da história para o exame das obras do escritor russo. Da mesma forma, ainda que não esteja anunciada pelos autores citados anteriormente com essas respectivas palavras, tais análises servem para apontar para a centralidade da perspectiva ontológica como parâmetro perscrutador da relação entre estética e filosofia, indicando-se a incorporação de elementos filosóficos de cariz materialista e histórica na sua narrativa.

Entendemos, nessa esteira, que a obra de Tolstói se constitui como um dos maiores expoentes literários (talvez até mesmo o maior de todos) em que se pode perceber a tentativa – muitas vezes frustrada e mistificada – de se estabelecer uma ontologia materialista

como base metodológica para a construção das figurações estéticas. Contudo, se essa nos parece ser uma hipótese de pesquisa profícua e válida, por outro lado, não é menos plausível a presença de elementos filosóficos inversos na sua narrativa. Se, de um lado, grande parte da obra *tolstoiana* se parametriza pela busca de uma figuração realista e, dessa forma, porta relações com uma ontologia materialista da história, de outro lado, elementos mistificadores e irracionais, especialmente de cunho religioso, aparecem como o busílis dessa constituição.

Observa-se, nessa amálgama, de um lado, a aproximação com uma ontologia materialista e, de outro, um explícito falseamento dessa perspectiva que, em alguns momentos da vida do autor, situa-se hipotecada à sua peculiar e, em vários momentos, exacerbada religiosidade. E, seguindo esse caminho analítico, acreditamos que, em vários momentos das suas obras, tal contradição pode ser relevada a partir da construção de suas figurações e, em especial, das suas personagens femininas. Por isso que, a nosso ver, a relação de aproximação ou distanciamento entre os escritos de Tolstói para com a ontologia materialista pode ser mais bem explicitada e exemplificada a partir da análise destes elementos. Apresentaremos, a seguir, uma pequena introdução sobre essa problemática de pesquisa.

## 2. Tolstói: objetivações literárias e subjetividade política

Tolstói nasceu em 9 de setembro de 1828 em Yasnaya Polyana (nome de uma propriedade rural russa da sua família) e faleceu em 20 de novembro

de 1910<sup>1</sup> em Astopovo, uma estação ferroviária russa em que ele se encontrava depois de fugir de casa e doar grande parte de suas posses<sup>2</sup>. E foi justamente essa a grande marca final da sua vida: doou vários bens (pessoais e familiares), incluindo direitos autorais (sendo que alguns foram abolidos), e almejou concretizar na terra uma peculiar doutrina cristã que, segundo defendia, seria capaz de superar as formas de opressão social. Multidões de pessoas em todo o mundo aderiram a essa doutrina, autointitulando-se *tolstoianos*. Talvez o mais célebre de todos esses seguidores, que creditou ao escrito *O reino de Deus está em vós* de Tolstói (2006) a base para a sua causa (da resistência pacífica), tenha sido Mohandas Gandhi (posteriormente conhecido por Mahatma Gandhi). Depois tal estratégia se repetiria, por exemplo, nos EUA, liderada por Martin Luther King Jr.

Sob essa finalidade, não obstante ter abdicado desses bens materiais, o velho conde também realizou inflexões

radicais nas suas determinações de nascimento, uma vez que advinha não somente de uma família de aristocratas, mas possuía a linhagem da realeza. Ainda que na Rússia czarista em que nasceu os títulos hierárquicos pudessem ter variações econômicas e sociais<sup>3</sup>, sua origem era explicitamente de fidalguia: filho de uma princesa (Maria Nicolaevna, a *princesa de Volkonsky*) e de um conde (Nicolas Ilyitch, o *conde de Tolstói*).

Todavia, de maneira gradativa, Tolstói se portou em direção contrária à sua classe de nascença e em oposição aos interesses típicos desses integrantes. E, mesmo que essa indicação não seja consensual entre os seus biógrafos, ela nos parece ser claramente constatada historicamente. Isso porque aqueles que indicam um prosseguimento biográfico diferente, advogando pela permanência, durante toda a sua vida, na sua classe social de nascença, o fazem, centralmente, a partir de concepções valorativas. Esse é o caso, por exemplo, da interpretação de Rosamund Bartlett (2013) que, em seu livro *Tolstói, a biografia*, ressalta que, além da determinação genética, por reverenciar os seus ancestrais, e sempre tratar a todos de forma educada e polida, o

<sup>1</sup> Datação essa baseada no calendário russo atual, que segue a cronologia ocidental. Já no antigo calendário juliano, a data correta de nascimento foi 28 de agosto de 1828 e a de falecimento foi 07 de novembro de 1910. Essa cronologia, que ainda seguia os feitos do imperador romano Júlio César, foi abolida a partir da Revolução Russa de 1917 (nos anos de 1800 tinha um atraso de 12 dias em relação ao calendário ocidental, sendo que, no século seguinte, esse número aumentaria para 13 dias).

<sup>2</sup> Um bom filme, que apresenta os últimos dias de vida de Tolstói e que narra tanto algumas das suas escolhas políticas e ideológicas, como as implicações destas no seio familiar, é *A última estação* (2009), dirigido por Michael Hoffman. Outra boa referência, presente em alguns palcos brasileiros nos anos passados, foi a peça *Amor e ódio em sonata*. Essa encenação, dirigida por Leonardo Talarico e bem interpretada por Juliana Weinem e Amanda Monteiro, também relembra, a partir da relação conflituosa entre mãe e filha, esses últimos momentos da vida de Tolstói.

<sup>3</sup> Um exemplo literário dessa variação social e econômica de príncipes e princesas russas se encontra no livro *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski (2006), em que o Príncipe Míchkin, personagem principal do romance, não desfrutava nem de grande patrimônio econômico nem, muito menos, de posição social de destaque. Contudo, ressaltamos que essa condição caracterizava-se mais como exceção do que como regra (ainda mais quando comparada à grande maioria da população eslava, que vivia em condições precárias e submissas). Também se ressalta que, conforme explica o editor de um dos livros precursores da literatura russa, *Oblómov*, de Ivan Gontcharov (2012, p. 38), o estatuto de príncipe na Rússia equivaleria, para a nobreza nos demais países, ao título de duque.

escritor russo se comportaria, até o final da vida, como um aristocrata. Após referendar as palavras de Ilia, um dos filhos de Tolstói, para quem o pai, por causa da sua condição de “nascimento, educação e maneiras”, “era um verdadeiro aristocrata”, o autor finaliza:

Durante a maior parte de sua vida, Tolstói jamais questionou seu status de *barin* (proprietário de terras), e sentia orgulho de sua ascendência nobre. Ele continuou se comportando como um aristocrata muito depois de ter abdicado de seu título e começado a usar roupas de camponês, porque estava no seu sangue (BARTLETT, 2013, p. 22).

Apesar da riqueza biográfica e bibliográfica presente nessa obra, nela apresenta-se uma apreciação moralista do autor em que se principia uma inversão entre marcas subjetivas de relacionamento social e de perspectivas e interesses de classe. Em distinção a estas características relevadas por Bartlett (que são elementos mais aproximativos de valorações individuais e de relações de parentesco), o que define a proximidade com uma classe social é a defesa e a prática social condizentes com os interesses e os horizontes típicos deste estrato social. No caso de Tolstói, a abdicção dos seus títulos de nobreza e, especialmente, a intervenção particular e pública em prol da divisão de terras e, posteriormente, pela abolição da propriedade rural, já serve para demonstrar o seu distanciamento para com a aristocracia russa. Assim, no lugar da defesa da grande propriedade fundiária e da valorização dos títulos nobiliárquicos, observa-se, de variadas formas e em diversas obras suas, uma defesa intransigente do pequeno camponês russo.

Já em relação às suas obras estéticas, podemos citar três exemplos marcantes

de personagens que expressam, na literatura de Tolstói, de forma ascendente, as críticas à concentração de terras e a necessidade de sua distribuição e/ou abolição: Pierre em *Guerra e Paz*, Liev em *Anna Kariênina*, e Nekhliúdiv em *Ressurreição*. Contudo, conforme veremos mais à frente, não se pode enquadrar Tolstói como um defensor da abolição da propriedade privada (nem *tout court*, nem pela via revolucionária) e, dessa forma, como um dos prógonos do comunismo. Se, na parte final da sua vida, ele realmente chegou a escrever em defesa da destruição da propriedade privada, essa indicação se limitou aos espaços rurais, e tal processo deveria ser feito através de gesto governamental benevolente do imperador russo. Inclusive, fica explícita, nessas leituras, a prerrogativa da divisão das terras dos grandes proprietários entre os pequenos camponeses, fato esse que, à época, escandalizou e amedrontou as elites russas. Isso foi ainda mais agravado depois que ele chegou ao ponto de escrever e enviar uma carta ao imperador aconselhando a abolição da propriedade rural.

A sua inflexão ideológica foi de tal monta que Lênin (1983, p. 40-41), o grande líder da revolução bolchevique, chegou a afirmar:

Pela sua origem e educação, Tolstói pertencia à alta aristocracia latifundiária da Rússia. Rompeu com todas as ideias comuns desse meio e, em suas últimas obras, criticou apaixonadamente todas as normas estatais, eclesiásticas, sociais e econômicas de nossos dias baseadas na escravização das massas, na sua miséria, na ruína dos camponeses e dos pequenos proprietários em geral, na violência e hipocrisia, que impregnam de cima abaixo toda a vida de nossos dias.

Entretanto, se essa virada política representou uma ruptura com as classes dominantes em direção aos anseios e necessidades do povo russo, ela não foi capaz de conduzir a transformações sociais efetivas. Mesmo o empenho mais férreo pela construção de uma sociedade pautada pela igualdade não frutifica se nele se encontram ausentes uma consciência e uma prática revolucionárias. A incondicional defesa do campesinato realizada por Tolstói esbarrou no seu tempo histórico e, sem conceber a possibilidade de uma ampla organização popular que efetivasse a abolição da propriedade privada, suas propostas tiveram não apenas uma concreção isolada, como essas foram, aos poucos, perdendo força e radicalidade.

Somado a isso, como fica largamente demonstrado em relatos familiares (especialmente nos de sua esposa e filhos), nem sempre a vida cotidiana desse *anarquista cristão* encarnou diretamente as premissas expostas na sua doutrina religiosa e social. Especialmente dentro do reino familiar, a sua conduta não condizia de forma fidedigna com a apregoada igualdade social e, muito menos, com a santificada pureza e castidade publicamente anunciadas. E, se no espaço político e social, as contradições do desenvolvimento social na Rússia se apresentaram, a partir de possibilidades incompatíveis, com as suas premissas, no ambiente familiar, o embate crescente com a sua esposa<sup>4</sup>, terminou por recrudescer-lhe valores e ideologias anacrônicas.

Essas duas determinações – as idiossincrasias políticas e as

incoerências familiares – demarcam um movimento ascendente de contradições ideológicas que iriam se espalhar da sua vida privada para as suas obras literárias e que teriam, na sua religiosidade, um ingrediente catalizador.

### 3. O escritor e as causalidades do seu tempo histórico

Esses paradoxos presentes no pensamento de Tolstói expressam também as contradições de um determinado tempo histórico, constituído por mudanças rápidas e profundas, desde a destituição dos poderes aristocráticos, passando pela constituição e queda da república burguesa, até chegar aos processos insurrecionais de horizonte comunista. O primeiro desses momentos centrais para a formação social da Rússia e que também teve muitas influências na formação de Tolstói ocorreu em 1861, o ano em que se realizou a emancipação dos servos. Observa-se que esse acontecimento representou um grande marco para o escritor russo, servindo, inclusive, de analogia para a sua peculiar defesa do fim da propriedade privada, conforme consta numa carta escrita por ele e enviada em 1902 para Nicolau II, o então czar russo.

Já, com os eventos acontecidos no início do século XX, prenunciava-se uma bifurcação social entre dois caminhos opostos. Num, operava-se a via de superação aristocrática consubstanciada com a gradativa hegemonia dos interesses burgueses. Noutra, principiava-se a estrada revolucionária comunista, em que camponeses e trabalhadores lutaram pela construção de uma sociedade sem classes. O próprio ano de falecimento de Tolstói é, nesse sentido, sintomático, pois essa data se localiza entre os dois principais momentos revolucionários do seu país: 1905, a fagulha revolucionária,

<sup>4</sup> Uma grande variedade desses documentos pode ser encontrada no livro *Amor e Ódio: o casamento tumultuado de Sônia e Tolstói*, de William Shirer (1996).

brutalmente reprimida, que serviu para conscientizar trabalhadores e camponeses para criar os *soviets*, o germe da futura revolução; e 1917<sup>5</sup>, o ano de início da revolução bolchevique que visava, a partir da superação do capitalismo, constituir o desenvolvimento das forças produtivas por meio de uma dupla socialização, tanto da riqueza produzida, como dos processos e decisões políticos.

As determinações paradoxais que consubstanciaram o pensamento de Tolstói se expressaram, portanto, entre momentos antagônicos da história russa. Ele esteve à frente de uma sociedade aristocrática e, até mesmo, de valores e práticas burguesas, mas sem aportar uma perspectiva revolucionária. Além disso, no seu tempo histórico, a classe trabalhadora russa e, em especial, o proletariado urbano e industrial, além de pouco desenvolvidos<sup>6</sup>, eram praticamente desconsiderados por Tolstói que, envolvido com a vida rural, almejava uma sociabilidade comunitária baseada no contato com a natureza e pautada pelo *ethos* camponês (dos chamados mujiques russos). Tal fato

não era, contudo, hegemônico em toda a Europa em que, especialmente nos casos francês e inglês, já se anunciava a classe trabalhadora como sujeito organizado e revolucionário, como o próprio Tolstói já indicava ter bastante conhecimento.

O posicionamento do escritor russo demonstrava uma limitação na sua perspectiva política e ideológica, visto que tratava o desenvolvimento econômico dos países europeus centrais essencialmente como uma forma de corrosão humana. “As contradições existentes nas ideias de Tolstói não são”, portanto, exclusivas de seu pensamento, mas “um reflexo das condições, muito complexas e extremamente contraditórias”, da mesma forma que “influências sociais e tradições históricas que determinaram a psicologia das distintas classes e franjas da sociedade russa numa época *posterior* à reforma, mas *anterior* à revolução” (LÊNIN, 1983a, p. 22).

E, além da excentricidade típica de um gênio da arte, por ser dotado de uma grande qualidade perscrutadora, o autor de *Anna Kariênina* apresentou, dentro de suas obras, um amálgama feito de energia revolucionária e de barreiras mistificadoras. De um lado, encontra-se a visão do futuro com a promessa da emancipação humana, mas, de outro, ergue-se o escudo do misticismo religioso tarjando uma nostálgica e idealista sociabilidade camponesa como núcleo da sociedade. Foi perpassado por essa doutrina mística dos camponeses que se constituíram os seus sonhos de transformação social.

O escopo da sua exacerbada admiração pelos camponeses era igual, ou mesmo menor, do que a sua desconsideração pela classe social que constituía os primeiros passos em prol da transformação social, que ele tanto

<sup>5</sup> Um filme que retrata alguns acontecimentos revolucionários de 1905 é *O encorajado Potemkin*, dirigido por Serguei Eisenstein, em 1925. Além das cenas de insurreição dos trabalhadores e do seu massacre pelos policiais, a película retrata os embriões da consciência revolucionária, especialmente dentro do navio que dá nome ao filme. O mesmo diretor dirigiria vários filmes ulteriores acerca da segunda data e dos acontecimentos advindos dela. Também Dmitri Shostakovich, no campo da música clássica, se inspirou nesses acontecimentos e imortalizou artisticamente essas duas datas a partir, respectivamente, de suas sinfonias número 11 (em sol menor, opus 103) e número 12 (em ré menor, opus 112).

<sup>6</sup> Como gostava de afirmar o famoso arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, a Rússia, até 1917, era um país de mujiques que, com a Revolução Bolchevique, se tornou o centro da segunda potência mundial.

buscava. Por isso que, nas palavras daquele que foi um dos maiores líderes dessa classe, essa deve ser a medida da herança de Tolstói. A seu ver, o povo russo não alcançaria a sua emancipação enquanto apenas compreender de Tolstói que ele deve lutar por uma vida melhor, pois isso só será apreendido através do “proletariado, da classe cuja importância Tolstói não foi capaz de compreender e que é a única capaz de destruir o velho mundo, que era tão odiado por Tolstói” (LÊNIN, 1983b, p. 75).

Como corretamente apreendeu Lênin, o pensamento de Tolstói “refletia o estado de ânimo desses camponeses” com tanta força, que introduziu neles a sua própria doutrina, seu misticismo e seu afastamento da política, tratando esses elementos como sendo “maldições impotentes contra o capitalismo e ‘o poder do dinheiro’” (LÊNIN, 1983, p. 41). No fundo, a doutrina *tolstoiana* expressou um protesto de milhões de camponeses que, pelos limites históricos à sua efetivação, tornou-se desesperançado e, no final da vida, bastante resignado perante a engrenagem de exploração e dominação capitalista. Além disso, essa contraditória ideologia vinculada com o antigo campesinato russo, ao envolver-se pelas questões familiares e religiosas, também redundou em comportamentos conservadores e mesmo preconceituosos do escritor russo, como se exemplifica com mais ênfase na sua visão sobre a mulher.

#### 4. Estética, gênero e ontologia

Essa contradição histórica foi visceral nas práticas e nos pensamentos de Tolstói e refletiu com muita força nas suas obras literárias. A nosso ver, existe uma paradoxal unidade filosófica que exprime essa condição na estrutura da sua narrativa. Na grande maioria dos

seus livros, com destaque para as suas obras literárias mais extensas, Tolstói funda a figuração de personagens e acontecimentos numa concepção que mistura, de um lado, preceitos de uma ontologia materialista e, de outro, elementos de pecha religiosa e mistificadora. Essa unidade contraditória aparece com destaque quando se compara as grandes obras romanesco do escritor russo (*Guerra e Paz*, *Anna Kariênina* e *Ressurreição*) com duas das suas obras menores (*Padre Sérgio* e, especialmente, *Sonata a Kreutzer*).

Nessa linha, poderíamos indicar a presença, dentro das suas principais obras literárias, de uma verdadeira e uma falsa ontologia<sup>7</sup>. Para nós, é possível perceber, portanto, a imbricação de duas posturas de qualidades e concepções não apenas distintas, mas, a depender do contexto e da obra em questão, também antagônicas: realismo e irracionalismo.

Se é verdade que Tolstói conseguiu figurar parte dos seus personagens com uma grande riqueza subjetiva, apresentando-os a partir das determinações sociais que os envolvem e os consubstanciam; também é fato que, em vários outros momentos das suas obras (é incontestado que em quantidade literária bem inferior), relevam-se concepções e axiomas mistificadores e até mesmo, preconceituosos. Em alguns momentos, vemos figuras que refletem a tipicidade da vida social e que são sínteses de múltiplas determinações<sup>8</sup> e, noutros,

<sup>7</sup> Referência à análise que György Lukács (1979) realizou sobre o pensamento de Hegel, publicado sob o título de *A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*.

<sup>8</sup> Ou, conforme afirmou Marx (1986), em sua *Para a Crítica da Economia Política* “O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso” (p.

personalidades desconectadas da realidade, com a finalidade arbitrária de anunciar os valores do escritor. E, quando no fim da vida, em que Tolstói esteve envolvido por um pensamento resignado e, de certa forma, niilista, dentre os valores profetizados por Tolstói, um parece ter maior relevo.

Sobre essa questão, pauta-se, portanto, um movimento contraditório. Ficam expressos, a partir de análises de suas obras, de relatos e documentos de sua biografia, momentos que Tolstói aproxima-se demasiadamente de uma perspectiva niilista. E tal fato se mantém mesmo que ele tenha veiculado alguns escritos criticando essa postura (até porque, como ficou conhecido na Rússia de sua época, existiam grupos – pelos quais Tolstói não possuía nenhuma simpatia - que se assumiam como niilistas e que depois derivaram para posições anarquistas e terroristas).

Dentro do seu mosaico literário, nas últimas narrativas literárias de Tolstói, isto é, nos seus derradeiros romances, além da contradição apresentada anteriormente, torna-se explícita a presença de um valor moral de cunho mistificador e preconceituoso. A misoginia, ou seja, o desprezo e a repugnância pelo gênero feminino, comparece, em algumas das últimas obras de Tolstói, não apenas como um valor constituinte de algum personagem narrado, mas é tratado como recurso ideológico irreversível.

Como breve fundamentação da nossa assertiva, vale a comparação entre duas passagens de suas obras. A primeira, referente à sua monumental *Guerra e Paz* (s/d), na qual o escritor principia – ainda que de forma um pouco mistificada e confusa – uma tentativa de análise histórica realista. E a segunda,

extraída do seu conto *Sonata a Kreutzer* (2010), em que Tolstói, através de um personagem literário, enceta uma concepção irracionalista e misógina que, além de emparelhar-se a uma meta-narrativa por ele vivenciada ao final da vida, emprega os ingredientes antagônicos da análise histórica anterior<sup>9</sup>.

Segue a primeira passagem, em que Tolstói, buscando problematizar filosoficamente os embates presentes na guerra Franco-Russa, aproximou-se de uma concepção histórica desprovida de valores preconcebidos:

todo homem vive para si, emprega a liberdade para alcançar seus objetivos pessoais e sente, com todo o seu ser, que agora pode ou não pode executar determinada ação; porém, assim que ele executa, aquela ação, realizada num dado momento do tempo, se torna irreversível e passa a ser propriedade da história, na qual ela não tem nenhum significado livre, mas predeterminado (TOLSTÓI, s/d, p. 1276).

Já, em *Sonata a Kreutzer*, explicitam-se elementos antagônicos aos anteriores que, além de apontarem para uma imposição valorativa acerca da análise histórica, fazem-no retroagir a crenças medievais centradas no suposto pecado original feminino<sup>10</sup>:

<sup>9</sup> Apenas como introito à polêmica, vejamos uma expressão explícita contida em um dos seus relatos pessoais, escrita no contexto de sua obra *Padre Sérgio*: “... Declarar que a mulher média é dotada da mesma força espiritual de um homem... é iludir-se deliberadamente... Então considerar as mulheres como elas são – criaturas espirituais mais fracas – não é crueldade para com as mulheres; considerá-las como iguais é crueldade” (SHIRER, 1996, p. 178).

<sup>10</sup> A referência ao pecado original nessa obra não se encontra apenas no corpo do seu texto, visto que se explicita a relação direta entre

14).

Emancipa-se a mulher nos cursos superiores e nas instituições públicas, mas olha-se para ela como um instrumento de prazer. Basta ensiná-la a ver-se assim, como se faz entre nós, para ela ficar um ser inferior para sempre. Assim ou ela vai, com a ajuda dos canalhas dos doutores, prevenir a concepção do feto, ou seja, vai tornar-se uma prostituta que não desceu ao nível do animal, mas sim ao do objecto, ou então será o que já é de facto na maioria dos casos: uma doente mental, uma histérica, uma desgraçada sem qualquer hipótese de desenvolvimento espiritual.

O liceu e os cursos superiores não podem mudar esta situação. Apenas poderá mudá-la a alteração da atitude dos homens para com as mulheres e da atitude das mulheres para consigo próprias. A mudança apenas acontecerá quando a mulher começar a considerar como estado superior o seu estado de virgem, e não como agora em que este estado superior é considerado uma vergonha. (TOLSTÓI, 2010, p. 60-61).

Intercalando expressões e recursos literários bem distintos, prefigurando um espiral ciclótico, a parte final da vida de Tolstói marca essa ambivalência de literaturas: ora, como é o caso de *Ressurreição*, movido por uma crítica contundente ao Estado e às diferentes formas de opressão social, e, em outro

passagens deste tipo e as palavras escolhidas como epígrafe do livro: “Disseram-lhe os seus discípulos: Se assim é a condição do homem, relativamente à mulher, não convém casar. Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o” (Mateus, 19:10, 11, 12).

momento, como é o caso de *A Sonata a Kreutzer*, exprimindo uma visão resignada e fatalista da decadência humana. E se, naquela obra, a personagem principal *Máslova* figura como elemento central para a crítica social, nessa, conforme indica a citação anterior, o enredo de teor niilista nucleia-se pela suposta pecaminosidade da mulher. Em ambos os casos, o que condensa, de maneira mais explícita, os valores e as perspectivas envolvidas é, portanto, a forma como o escritor russo representou, dentro das suas obras, os enredos e os personagens na sua relação de gênero. E, dito de maneira mais cristalina: os ingredientes presentes nessa forma figurativa são, especialmente nas obras finais de Tolstói, um importante parâmetro para medir não apenas a qualidade realista da sua obra, mas a sua relação – de aproximação ou distanciamento – com a perspectiva ontológica e humanista.

#### Referências

- ANDERSON, P. Trajetos de uma forma literária. Trad. Milton Ohata. In: **Revista Novos Estudos CEBRAP**. n. 77, março de 2007. (p. 205-220).
- BARTTLETT, Rosamund. **Tolstói**, a biografia. Trad. Renato Marques. São Paulo: Globo, 2013.
- BERLIN, I. O porco-espinho e a raposa. In: BERLIN, I. **Pensadores Russos**. Companhia das Letras: São Paulo, 1988.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. 2 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GONTCHÁROV, Ivan Aleksándrovitch. **Oblómov**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- GÓRKI, Maxim. **Leao Tolstoi**. Trad. Rubens Ferreira dos Santos. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- JAMESON, F. O romance histórico é possível? Trad. Hugo Mader. In: **Revista Novos Estudos CEBRAP**. n. 77, março de 2007. (p. 185 – 203).
- KLIGER, I. **The Narrative Shape of Truth: Verediction in Modern European Literature**.

EUA: The Pennsylvania State University Press, 2011.

LÊNIN, V. I. Leon Tolstoi y el movimiento obrero contemporâneo. In: LÊNIN, V. I. **Obras Completas**. Vol. 16. Moscou: Editorial Progreso, 1983.

\_\_\_\_\_. Leon Tolstoi. In: LÊNIN, V. I. **Obras Completas**. Vol. 16. Moscou: Editorial Progreso, 1983a.

\_\_\_\_\_. Tolstoi y la lucha proletaria. In: LÊNIN, V. I. **Obras Completas**. Vol. 16. Moscou: Editorial Progreso, 1983b.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do Ser Social: a verdadeira e a falsa ontologia de Hegel**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. Trad. Regis Barbosa e Flávio Kothe. In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Col. Os economistas).

SHIRER, William. **Amor e Ódio: o casamento tumultuado de Sônia e Tolstói**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

STEINER, L. Tolstoy, Liberal and Pluralist: On “Personality” and the Protagonist in *War and Peace*. In: **Russian History**. N. 36. 2009. (p. 424 – 442).

TOLSTÓI, Liev. **Guerra e Paz**. Trad. Rubens Figueiredo. 2 Vols. São Paulo: Cosac Naify, s/d.

\_\_\_\_\_. **Anna Kariênina**. Trad. Rubens Figueiredo. 3 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Reino de Deus está em vós**. Trad. Celina Portocarrero. São Paulo: Bestbolso, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ressurreição**. Trad. Rubens Figueiredo. 3 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Sonata a Kreutzer**. Trad. Jorge Reis. Lisboa: Codex, 2010.

\_\_\_\_\_. **Padre Sérgio**. Trad. Beatriz Morabito. São Paulo: Editora 34, 2010.

Recebido em 2018-03-20

Publicado em 2018-07-06